

Camaradas,

No rescaldo das eleições legislativas aqui estamos, orgulhosos do trabalho feito, planificando o trabalho imediato e confiantes nas lutas que vamos ter de realizar no futuro.

Os resultados eleitorais não nos deixaram satisfeitos e não nos facilitarão o trabalho, mas sobretudo não melhorarão a vida dos trabalhadores e do povo, não desenvolverão o país, não são bons para a democracia e para o regime democrático.

Mas é nestas circunstâncias e não noutras que vamos continuar a fazer o nosso trabalho: esclarecer, intervir, organizar, lutar, reforçar o Partido.

A tarefa imediata é reunir o Partido. Reunir os vários organismos, nos plenários de militantes, almoços ou outras iniciativas, nos espaços que temos no Partido para discutir colectivamente, com os nossos padrões e métodos de análise e não com os que o capital quer que utilizemos.

Dos porta-vozes do capital ouvimos teses e teorias, análises e especulações. Condicionaram, à escala de massas, através dos vários instrumentos que têm à sua disposição, a opção de voto; procuram fazê-lo também, após as eleições, nas análises sobre elas feitas.

Dissemos, no comunicado da reunião do Comité Central de 30 de Junho e 1 de Julho de 2023:

“Conhecemos e não podemos desvalorizar o poder do grande capital, a margem de manobra política e de condicionamento social a ele associados, os colossais meios de dominação ideológica, um poder do Estado cada vez mais instrumentalizado ao serviço da classe dominante.”

Dissemos também:

“À institucionalização do anticomunismo como padrão mediático – com o silenciamento, a falsificação de posicionamentos, o ataque primário ao PCP e a promoção de outras forças – contrapõe-se a presença e acção concreta do Partido e a sua identificação com as aspirações e interesses dos trabalhadores e do povo.”

E assim foi, camaradas: anos de hostilidade, de falsificação de posicionamentos, de menorização do Partido e das suas posições. Não por um acaso, mas por pormos em causa os interesses dominantes, por sermos os únicos que destoamos da linha de pensamento definida pelos centros de decisão do grande capital. Assim foi quando eliminámos o Governo de PSD e CDS, em 2015; assim foi com os nossos posicionamentos na epidemia de Covid19, quando pretenderam dar um passo de gigante na proibição da luta, da actividade política, da vida social; assim foi quando votámos contra o OE do PS em 2021 que levou à situação social e política que hoje temos; assim foi a propósito da situação na Ucrânia.

Mas também assim foi e assim é na presença do Partido nas ruas: uma ampla identificação com as aspirações e interesses dos trabalhadores e do povo. A isso demos expressão também nesta campanha eleitoral: quando falámos dos salários e da necessidade do seu aumento em pelo menos 150€; quando falámos aos reformados do aumento das pensões em pelo menos 70€; quando falámos do aumento do custo de vida e dos lucros de milhões dos grupos económicos e financeiros; quando fizemos quinzenas dedicadas aos problemas da habitação, dos transportes e da saúde; quando defendemos a escola pública e os seus trabalhadores; quando defendemos uma outra política para a cultura, com a instituição de um Serviço Público de Cultura; quando nos dirigimos aos mPME, aos bombeiros, às forças de segurança, aos imigrantes; quando distribuímos documentos específicos, feitos do conhecimento da realidade e da proposta das organizações do Partido, para diversas empresas e sectores profissionais.

Milhares de conversas realizadas, certamente muitos votos ganhos, um contributo inestimável para resistir à avalanche montada de destruição do Partido e da sua eliminação do quadro parlamentar. Um estilo de trabalho de contacto e conversa, de ouvir e esclarecer, de deixar sementes para o voto e para o pensamento de cada um daqueles com quem falámos.

Realizámos mais de 1600 acções de campanha: distribuições, tribunas, sessões públicas, desfiles, comícios. Estivemos na rua, todos os dias, em todo o distrito, e com isso combatemos a ideia dominante decidida e reproduzida no plano mediático: a do desaparecimento do PCP.

Mais de 200 professores do ensino básico e secundário; mais de 70 médicos, enfermeiros e trabalhadores da saúde; mais de 100 investigadores científicos e docentes do ensino superior; 50 trabalhadores do cinema, outras dezenas da música, do teatro, da dança; 100 trabalhadores dos CTT; 70 do pólo da Azambuja da DHL; a quase totalidade dos trabalhadores do Campera; trabalhadores do audiovisual, da Santa Casa, do Instituto Superior Técnico, da hotelaria, ferroviários, 695 membros de organizações representativas dos trabalhadores, tudo isto só no distrito de Lisboa, deram o seu apoio à CDU. A esmagadora maioria deles independentes, gente que reconhece o trabalho e o projecto do Partido e com ele esteve, dando a cara em sua defesa.

Os muitos camaradas e amigos que estiveram na campanha não ficaram contentes com o nosso resultado. Mas esta campanha, falar com outros, procurar esclarecer e ganhar votos para a CDU, permitiu conhecer mais realidades, ficar com contactos, ligações e pistas para a intervenção do Partido; permitiu aferir a concordância com muito do que dizemos, com tudo o que isso abre de perspectivas para o nosso trabalho.

Camaradas,

“Tomar a iniciativa. Responder às novas exigências. Reforçar o Partido”, foi o lema da Conferência Nacional onde discutimos as nossas insuficiências e debilidades e onde apontámos caminhos para as ultrapassar. Neste novo quadro, de grande exigência, reforça-se a necessidade da intervenção política e do desenvolvimento da luta, bem como o recrutamento e aproveitamento dos novos militantes – nomeadamente das quatro dezenas que, só no nosso distrito, decidiram aderir ao Partido de domingo até hoje – e a responsabilização daqueles que se destacaram e se envolveram nesta batalha eleitoral.

Tomamos a iniciativa já na próxima semana, com uma acção de contacto com os trabalhadores e população do distrito, de 5ª a domingo. Damos combate desde o primeiro dia ao governo de PSD/CDS, sem hesitações e tacticismos, e a todos os outros instrumentos partidários ao dispor do grupos económicos e financeiros. Daremos, como sempre demos, combate à política de direita, afirmaremos um caminho alternativo.

E estaremos na luta: na luta pela igualdade entre homens e mulheres, no dia 23, na manifestação promovida pelo MDM; na luta por melhores salários e contra a precariedade, no dia 27, na manifestação promovida pela Interjovem/CGTP; na luta pela Paz; na luta em defesa dos valores de Abril e do 25 de Abril; na luta no 1º de Maio, expressão maior da luta dos trabalhadores.

A melhor forma de enfrentar a operação global que se desenvolve contra o Partido é centrar a sua intervenção na resposta aos problemas concretos, nos anseios e aspirações dos trabalhadores e do povo, articulada com a luta por uma política alternativa e uma sociedade mais justa. Uma opção que, constituindo uma prática do Partido ao longo da sua existência, ganha neste contexto ainda maior importância.

Cá estamos, cá estaremos.

Viva o PCP!